

Ganges¹

Naquele tempo, uma mulher de prata aparecia-me em sonhos, caminhando descalça sobre um rio, lenta como o silêncio. Nunca a toquei e jamais me falou. Apenas distinguia o brilho do seu corpo na noite, e o reflexo dos passos a bruxulearem sobre as águas. Quem era? Respiraria como eu? Comover-se-ia com a escuridão antiga da floresta? Teríamos escutado as mesmas lendas? E servido deuses iguais?

Ao despertar, eu tentava desenhar sobre a terra o rosto da senhora do rio, mas não o recordava. Inventei nomes para ela; porém, nenhum tinha a leveza que a descrevesse. Exasperado, dediquei-me a procurá-la em cada sonho. Dormia dia e noite, as sementes do ópio sob a almofada, à espera de a ver, por um instante, e de lhe perguntar quem era e o que queria de mim. Contudo, ela caminhava sempre muda e distante.

Uma manhã, desiludido, abandonei os meus campos à sorte do vento, e deixei a aldeia dos meus pais e dos pais antes deles, sem sequer olhar para trás. Parti, em busca da senhora de prata, no leito das escravas mais belas, que embalei até a luz cair sobre o rio, e a noite tilintar na voz dos pássaros. Mas não descobri no rosto de nenhuma mulher a face dela. Fiz-me, então, mendigo. Gastei as minhas sandálias pelos caminhos do mundo, confessei-me a deuses que nem sabia existirem e quase ceguei de ler os pergaminhos santos. E a mulher que caminhava sobre o rio não se revelava.

Um dia, um peregrino indicou-me um velho que diziam ter mil anos. Vivia com a sua sombra, numa cabana, simplesmente para velar o fluir do Ganges. Procurei-o nas margens do rio, e conversámos. Perguntei-lhe: “Mestre, quem é a senhora do rio? Onde posso encontrá-la?” Respondeu-me: “Só os de coração puro a recordam, e apenas os santos lhe falam”. Tornei: “E como posso eu ser mais santo?”

O velho remexeu a terra com a ponta dos dedos, até ficarem sujos. Segurou nas minhas mãos, cobriu-as de argila, e disse: “A tua pele estava demasiado limpa. Toda a santidade começa e caminha debaixo dos nossos pés”. E retirou-se, rindo baixinho. Contemplei o Ganges. O rio dançava em chamas, e uma árvore crescia, lenta, à sombra de mim. Observei as mãos, puras como a terra. E nunca mais voltei a sonhar com a mulher de prata, que subia as águas, noite a noite.

¹ Mancelos, João de. “Ganges”. *Um Rio de Contos: Antologia Luso-Brasileira*. Org. Celina Veiga de Oliveira, e Victor Oliveira Mateus. Lisboa: Editorial Tágide, 2009. 122-123.